

RESIDENCIAL ANA TERRA E A POSSIBILIDADE DE ASCENSÃO SOCIAL

ALICE DA CONCEIÇÃO TEIXEIRA¹; ANA LÚCIA COSTA DE OLIVEIRA²;
LOUISE PRADO ALFONSO³

¹Universidade Federal de Pelotas – teixeiraalice97@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lucostoli@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender as possibilidades de ascensão social no Residencial Ana Terra ao longo dos seus trinta e oito anos de existência. O condomínio é localizado na cidade de Pelotas/RS, e apesar de estar inserido no bairro Centro, está ao lado do bairro Fragata e às margens do Canal Santa Bárbara. Construído em 1985, o Residencial possui oito blocos, sendo o bloco do Platô (904), o A, o B e o C, antes da piscina, o D, o E, o F e o G, ficam após a piscina. No entanto, em termos de planta, o bloco do Platô e o bloco D são iguais, possuem apartamentos de três quartos e dependência de empregada. Os blocos A, E e F, também são iguais, com apartamentos de um dormitório e apartamentos de dois dormitórios. Já o C e G possuem dois quartos mais a dependência de empregada. O bloco B possui três quartos e é o único bloco que conta com suíte e conta também com a dependência de empregada.

Além de ter blocos com plantas diversas, o Ana Terra engloba uma série de áreas comuns, como: estacionamento, piscina, playground, churrasqueiras, pracinha infantil e etc. Ainda que hoje, esses espaços sejam observados inclusive em Residenciais populares, para o período de lançamento do condomínio esses elementos representavam uma novidade. Com isso, ir morar no condomínio estava para além do projeto da casa própria, envolvia espaços de lazer antes indisponíveis para alguns grupos da sociedade.

As diferentes opções de moradia e a possibilidade de financiamento na hora da compra caracterizam um condomínio projetado para atender grupos diversos. Segundo Rubin (2013, p. 69):

O BNH, durante sua vigência, financiou 4,8 milhões de habitações, em torno de 25% das moradias construídas no país entre 1964 e 1986. As habitações financiadas se destinaram a todas as faixas de renda, pela promoção privada das Companhias de Habitação Popular e pela incorporação imobiliária. Porém, a população de baixa renda é responsável por apenas 20% dos financiamentos.

Além de atender diferentes demandas, um condomínio com essa estrutura possibilita que as/os moradoras/es ascendam socialmente. Velho (1989, p. 80), ao pesquisar em Copacabana no Rio de Janeiro, observou uma hierarquia de bairros, onde “o indivíduo que se deslocou de Juiz de Fora para São Cristóvão, daí para a Tijuca e finalmente para Copacabana ‘melhorou de vida’.” Eu, através de entrevistas, da observação de anúncio de jornal e da análise das construções do Ana Terra, pude observar isso dentro do próprio residencial. Assim, esse trabalho representa uma proposta interdisciplinar que engloba Arquitetura, Antropologia e História para entender a possibilidade de ascensão social das/os moradoras/es do Ana Terra.

2. METODOLOGIA

Para tanto, eu considerei a estrutura do residencial, as áreas sociais e, também, as diferentes plantas dos blocos dos apartamentos. Analisei também as narrativas de sete entrevistas realizadas durante esta pesquisa, uma delas com a Arquiteta responsável pelo projeto e outras seis com pessoas que moram ou já moraram no Ana Terra. Para preservar a identidade das/os interlocutoras/es, apenas as iniciais dos nomes serão divulgadas. Ainda, analiso o discurso presente em um anúncio de vendas, publicado no Diário Popular, localizado durante uma pesquisa em jornais na Bibliotheca Pública Pelotense.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A possibilidade de ascensão social dentro do residencial ficou evidenciada em entrevistas como a de A. e a de L., onde ambos relataram que em um primeiro momento ocuparam apartamentos menores e depois, quando dispuseram de uma maior liberdade econômica, passaram a ocupar um apartamento maior e mais completo. A., por exemplo, morou inicialmente em um apartamento de um dormitório, sem dependência de empregada e hoje ocupa um apartamento de três dormitórios, com dependência completa de empregada.

É possível morar no condomínio e, também, morar ainda melhor, isso por este conta com diferenças entre os blocos. Ocupar um apartamento maior possibilitou para interlocutores/as, inclusive, a criação de um novo espaço: o escritório, elaborado no que originalmente seria um dormitório. O que favoreceu que as pessoas não precisassem sair do residencial que fica no centro da cidade para alcançar essa melhoria de vida ou ampliação de espaço.

No caso de Copacabana, Velho (1989, p. 82) sugere que “as pessoas mudam de estrato quando mudam de bairro”, no Ana Terra, isso ocorre internamente, no centro da cidade de Pelotas. Ainda para o autor, “o fato é que a mobilidade residencial desempenha um papel fundamental para a constituição de uma imagem da sociedade, em que as pessoas circulam entre os diferentes estratos espacialmente localizados.” (VELHO, 1989, p. 82).

É preciso destacar que essa ascensão não é uma realidade para todas/os moradoras/es, algumas/ns ocuparam o Residencial durante o período de estudos, por exemplo, o que não configure uma ascensão social naquele momento, como foi o caso da estudante T., que morou de aluguel no residencial e chegou a dividir um apartamento de um dormitório com cinco colegas simultaneamente. A piscina, que só pode ser acessada por moradoras/es que estejam em dia com o condomínio é também um marcador social, dentro do Residencial.

Quando questionadas/os sobre o que as/os levou a escolher o residencial Ana Terra para morar, a maioria das/os entrevistadas/os afirmou que era por conta: da localização, da segurança e da estrutura do residencial. Esses elementos foram amplamente destacados pela propaganda de vendas do residencial, como podemos observar nas Figuras a seguir.

Figuras 1 e 2 – Anúncio publicitário



Fonte: Diário Popular, s/d.

Esse anúncio é muito rico no quesito representação. Além do condomínio ser comparado a um clube e a propaganda ressaltar a vantagem econômica do Residencial, todas as características e especificidades estão retratadas na imagem:

a churrasqueira, garagem, piscina, salão de festas, cancha. Tudo está ilustrado. Michelle Perrot (2009a, p. 569) afirma que “os cartazes publicitários excitam o desejo.” Essa riqueza de detalhes não só representa o condomínio como aguça o desejo, personifica, por assim dizer, o que é ocupar esse espaço, pois mostra os itens antes inacessíveis, que atuam também como marcadores de status, afinal, “casas são materialidades centrais na elaboração de imaginários e políticas de ascensão social.” (KOPPER, 2016, p. 185).

4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa possibilitou evidenciar diferentes formas de habitar um mesmo residencial, conforme as demandas e viabilidade econômica de cada morador/a. Demonstrou-se que para além da moradia, o Ana Terra representa uma determinada forma de representar-se na cidade de Pelotas. Como o residencial conta com uma diversa estrutura de blocos, pode sanar as necessidades tanto de indivíduos, como de grupos maiores, como casais com filhos. O residencial possibilita ascensão social interna, entre os blocos. E possui também marcadores simbólicos ligados a questão financeira, como é o caso da piscina cercada. O trabalho demonstra ainda a relevância da aproximação entre diferentes áreas do conhecimento, configurando uma contribuição da Antropologia e da História para uma Arquitetura mais crítica, que cumpra seu papel social, e que reflita para além da funcionalidade da moradia, questionando assim os processos de invenção dos espaços.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOPPER, M. “Minha Casa, Minha Vida”: experts, sentidos de classe e a invenção do “mercado” da casa própria no Brasil contemporâneo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 22, n. 45, p. 185-215, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/VYPbsVjMf68fhjD8F5XFrcf/?lang=pt>. Acesso em: 17 jul. 2023.

PERROT, M. Conclusão. *In*: PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Cia de Bolso, 2009. p. 569-573.

RUBIN, G. R. Movimento Moderno e habitação social no Brasil. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 17, n. 2, p. 57–71, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/geografia/article/view/10772>. Acesso em: 17 jul. 2023.

VELHO, G. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.